

A RELEVÂNCIA DO PENSAMENTO FREIRIANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ATUAL

Clézio dos Santos ¹

RESUMO

Em 2021 ocorreu o centenário de Paulo Freire e toda área educacional cujas bases estão alicerçadas numa perspectiva crítica e popular comemoram, acima de tudo, as ideias do autor e a reinvenção dessas ideias na atualidade. O objetivo da pesquisa é analisar as ideias freirianas no ensino de geografia na perspectiva da pedagogia espacial. Pedagogia esta, em processo de construção ao longo das últimas décadas e muito embasada no pensamento de Paulo Freire e outros pensadores críticos. A metodologia do trabalho é qualitativa, recorrendo as obras de referências de Paulo Freire e obras de geógrafos e educadores que teceram relações entre as contribuições freirianas e o ensino de geografia. A pesquisa se dividi em duas partes, na primeira apresentamos e contextualizamos a pesquisa de textos de geógrafos e educadores que teceram relações entre as contribuições freirianas e o ensino de geografia no Brasil nas duas últimas décadas deste século. Na segunda, apontamos características da Pedagogia Espacial baseada em Milton Santos e Paulo Freire. Como professores de geografia devemos reinventar as ideias freirianas e manter sempre o diálogo potente com a educação geográfica. Esse é o desafio rumo a construção e efetivação da pedagogia espacial em nossas escolas, especialmente em tempos opressores que vivemos no mundo hoje. Devemos aprender com Paulo Freire e esperar por tempos melhores, mas esses só virão, com a prática transformadora rumo a educação libertadora.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Paulo Freire, Prática Docente, Pedagogia Espacial, Escola.

INTRODUÇÃO

Em 2021 ocorreu o centenário de Paulo Freire e toda área educacional cujas bases estão alicerçadas numa perspectiva crítica e popular comemoram, acima de tudo, as ideias do autor e a reinvenção dessas ideias na atualidade. Nesse sentido é que nosso texto caminha, procurando reinventar a partir das ideias do educador Paulo Freire, comemorar seu pensamento e refletir as contribuições no Ensino de Geografia, para tanto, recorreremos as pesquisas de geógrafos e educadores brasileiros que se debruçaram sobre as contribuições do pensamento freiriano na Educação Geográfica em diferentes momentos e retomamos o diálogo entre Paulo Freire e o geógrafo Milton Santos.

A pesquisa está ancorada no *Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia* (GEPEG) e na linha 2 *Território, Ambiente e Ensino de Geografia* do

¹Professor Associado II de Geografia do Departamento de Educação e Sociedade do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, cleziogeo@yahoo.com.br

Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO), e na Linha 1 *Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas* do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc), todos pertencentes a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O objetivo do texto procura refletir as ideias freirianas no ensino de geografia na perspectiva da pedagogia espacial. Pedagogia que está em processo de construção ao longo das últimas décadas e muito embasada no pensamento de Paulo Freire e outros pensadores críticos.

A metodologia adota neste trabalho é qualitativa, bibliográfica e reflexiva, recorrendo as obras de referências de Paulo Freire e obras de geógrafos e educadores que teceram relações entre as contribuições freirianas e o ensino de geografia.

O texto se dividi em três partes, na primeira discutimos a relevância da contribuição da obra de Paulo Freire para a formação dos professores. Na segunda, apresentamos e contextualizamos as pesquisas realizadas entre 2000 e 2020 de geógrafos e educadores que teceram relações entre as contribuições freirianas e o ensino de geografia. Já na terceira, apontamos algumas características do que denominamos de Pedagogia Espacial pautadas em Martinez (2012), Cruz (2012, 2014), Santos (2018, 2021, 2023, 2024), entre outros.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE POR MEIO DE SUA OBRA

Pensar sobre a Formação de Professores, embora um campo em disputas epistemológicas, teóricas e políticas, é minuciar, analisar e discutir nosso próprio ofício como práxis, ofício esse presente na maioria dos autores e autoras dessa coletânea. Em outras palavras, é um exercício (auto)formativo dar voz as diversas abordagens desses pesquisadores da Educação e do Ensino de Geografia.

Falar de Paulo Freire, nosso patrono da Educação Brasileira, é voltar o olhar para educação como mediação, diálogo, transformação, utopia e esperança. Ou seja, é cogitar outra educação muito diferente do secular modelo bancário de transmissão/recepção de saberes e competências (muitas vezes) alheias ao contexto vivido.

Algumas questões persistem no entendimento das contribuições de Paulo Freire à Educação brasileira e mundial: Quais são suas ideias sobre educação? Quais os conceitos fundantes de sua pedagogia? Qual sua trajetória? O que podemos aprender com ele?

Por que dedicar tanta energia escrevendo e falando sobre Paulo Freire? O que há de tão importante na sua história de vida que faz com que seu legado seja tão notório? Por que é nosso dever homenageá-lo? [...] Nosso reconhecimento toca diretamente naquilo que lhe rendeu a alcunha de “Andarilho da Utopia”, pois, não importa onde estivesse ou aonde fosse, carregava consigo a esperança de poder transformar as mais distintas realidades, vividas em lugares melhores—sempre por meio da educação! (PORTO; FORTUNATO, 2022, p. 211)

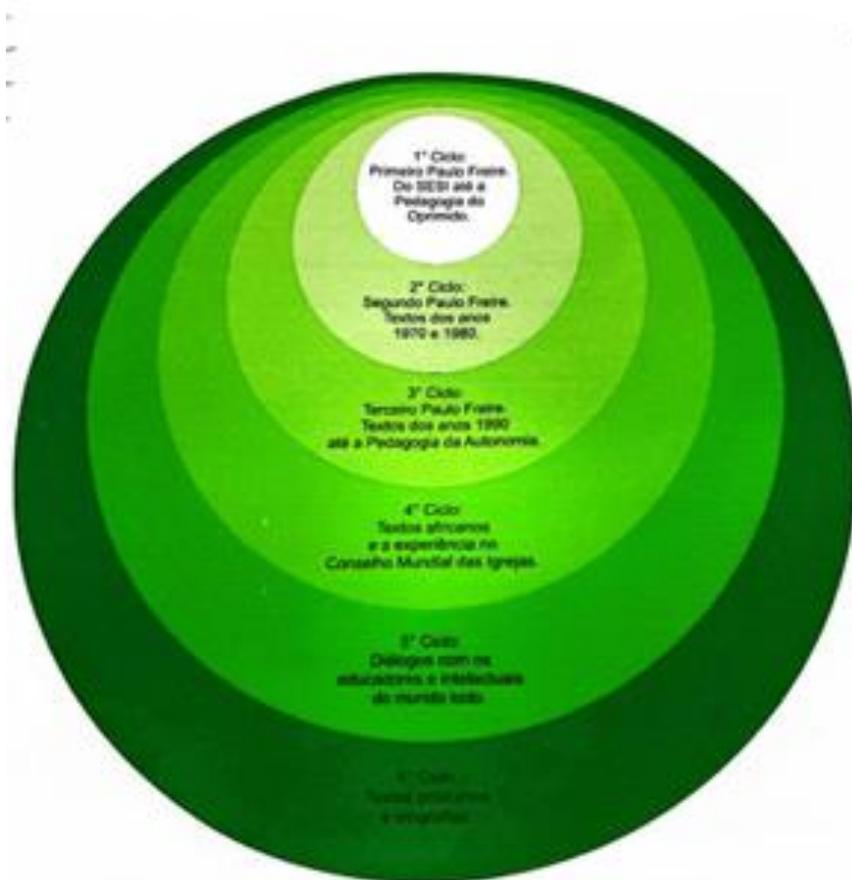
Paulo Freire ao ser apelidado de Andarilho da Utopia, é feito, pelo seu caminhar pelos lugares levando esperança de um mundo melhor por meio de uma educação crítica, inclusiva e libertadora. Ele, se preocupava com as pessoas pobres, excluídas, marginalizadas, deixadas invisíveis pela sociedade. Educar para Freire, seria um meio fundamental de incluir essas pessoas no mundo; daí a utopia. E mesmo não sendo uma forma imediata de verter a pobreza e a miséria em fartura, seria o caminho paulatino de transformação da sociedade; daí a esperança.

Com base nas contribuições do pensamento freiriano, realizamos um exercício no segundo semestre de 2023, sob minha regência, na disciplina *Seminário de Pesquisa V* (turma 11) no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ) tendo como parte da proposta, a leitura das obras de Paulo Freire a partir dos Ciclos do Pensamento de Paulo Freire, organizado por Dickmann e Dickmann (2017) para a semana Paulo Freire 2017, realizada de forma on-line pela editora dialogar. Veja a figura 01.

Dickmann e Dickmann (2017) divide a obra de Paulo Freire em 6 ciclos: 1º Ciclo: Primeiro Paulo Freire, Do SESI até a Pedagogia do Oprimido; 2º Ciclo: Segundo Paulo Freire. Textos dos anos 1970 e 1980; 3º. Ciclo: Terceiro Paulo Freire. Textos dos anos 1990 até a Pedagogia da Autonomia; 4º Ciclo: Textos africanos e a experiências no Conselho Mundial das Igrejas; 5º Ciclo: Diálogo com os Educadores e intelectuais do mundo todo; e 6º Ciclo: Textos póstumos e biografias.

Os ciclos permitem uma organização temporal da produção de Paulo Freire que pode auxiliar futuras leituras de docentes em formação inicial e/ou em formação continuada, a retomar a rica produção desse educador.

Figura 01. Ciclos do Pensamento de Paulo Freire



Fonte: Dickmann e Dickmann (2017) apud Santos, Queiroz e Cardoso (2023)

Assim, voltar a Paulo Freire, buscando no seu legado, na sua trajetória, nos seus ensinamentos... é voltar-se a formas de conexão com a utopia de um mundo melhor. Utopia porque não se trata de enganar a si e aos outros de que a prática educativa pelo diálogo transforma o mundo. Por isso mesmo essa prática é também uma prática de esperança, pois, se a resistência desaparece por completo, também com ela se vão as possibilidades de mudanças. É preciso esperar:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente.

Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia (FREIRE, 1992, p. 5).

Reconhecer que a esperança é necessária e insuficiente é fundamental para se decidir se o caminho escolhido para a docência é o da convicção já estabelecida, de se seguir depositando saberes arbitrários nos estudantes, ou se a convicção é outra: tomar a circunstancialidade de cada momento educativo como oportunidade de diálogo. Minha opção, como de muitos educadores, tem sido a de tentar seguir a inspiração de Paulo Freire, seja no esperar ou na boniteza do mundo.

ENCONTROS ENTRE A GEOGRAFIA E O PENSAMENTO FREIRIANO

Nesta parte do texto retomamos a pesquisa contida em Santos (2022, 2023 e 2024), porque efetiva um apanhado da produção acadêmica antes da comemoração do centenário de Paulo Freire em 2021, isso foi muito relevante para fazer um balanço da produção até o momento realizada.

Selecionamos 33 trabalhos escritos entre 2000 e 2020 (Duas décadas de produção) que tecem a relação do pensamento freiriano no ensino de geografia. Os trabalhos são identificados por: nome(s) do(s) autor(es), ano de publicação, título da publicação, tipo de publicação/local de publicação e tema(s). Os trabalhos pesquisados foram analisados a partir das tipologias e categorias, da identificação do lugar de publicação (estado ou país) e dos temas abordados.

Em relação ao lugar da publicação, identificamos os estados brasileiros e apenas uma publicação feita em outro país (Portugal). Em relação ao lugar, dos 33 trabalhos, 39% foram publicados no Rio de Grande do Sul, 15% no estado de São Paulo, 12% no estado do Ceará, 9% no Rio de Janeiro e 25% em outros estados (Alagoas, Bahia, Goiás, Minas Gerais e Paraná) e um em Portugal. Destaca-se o Rio Grande do Sul pelo número de trabalhos, inclusive a única tese de doutorado nesta temática, defendida pela professora Claudete Robalos da Cruz no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas em 2014. Destacamos que apesar do recorte e seleção de trabalhos para a pesquisa (2000 a 2020), acreditamos que devido a comemoração dos 100 anos de Paulo Freire, outros textos serão publicados em 2021.

Quando falamos em tipologia, as dividimos em seis categorias (Dr- doutorado, Ms – Mestrado, M – monografia, L – Livro e capítulo de livro, A – Artigo e T – Trabalho completo e resumo expandido). Dentre os 33 trabalhos selecionados, 40% foram artigos,

36% trabalhos completos e resumos expandidos, 15% livros e capítulos de livros e 9% os trabalhos acadêmicos de defesa como doutorados, mestrados e monografias. O predomínio dos artigos está associado ao aumento de possibilidades de publicação com o aumento de periódicos em educação e em geografia nas últimas décadas.

Os temas explorados foram divididos em 5 (A – Diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos; B – Políticas Educacionais; C – Conceitos; D – Educação do Campo; e E – Educação de Jovens e Adultos). Porém os temas apareceram em sua maioria de forma conjunta, e os consideramos em sua duplicidade. Dentre os trabalhos analisados, 58% centraram-se nos temas Diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos e Conceitos, sem dúvida dois grandes intelectuais brasileiros, um educador e outro geógrafo; 15% debruçaram-se na discussão dos Conceitos, 12% dos textos aprofundaram a discussão presa aos conceitos freirianos e Educação de Jovens e Adultos, 9% Conceitos e Políticas Educacionais, onde podemos destacar além da discussão da Geografia, incluímos a preocupação com a formação de professores; e 6% em Políticas Educacionais e Educação do Campo. Tanto a Educação de Jovens e Adultos, como a Educação do Campo, merecem outro trabalho sobre um olhar mais detalhado nestas modalidades educacionais.

Dentre os autores que se utilizam e/ou propõem diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos, o fazem a partir de conceitos chaves e em diferentes perspectivas. Também aparecem trabalhos que ampliam o diálogo com outros autores como Jean Jacques Rousseau, nos trabalhos de Pitano, e Noal (2005, 2009).

No campo conceitual destacam-se os autores: Ghiggi, Pitano e Noal (2005), Suess e Leite (2017), Queiroz e Silva (2017), Santos (2018) e Noal e Pitano (2019). Destacando os conceitos freirianos e a Educação de Jovens e Adultos; os Conceitos e as Políticas Educacionais, Políticas Educacionais e Educação do Campo.

Uma análise interessante, encontramos no trabalho de Pitano e Noal (2017), onde os autores procuram identificar a Geografia em Freire e os autores optam por dois procedimentos complementares.

De um lado, rastrear conceitos da ciência geográfica ao longo de sua obra, como espaço, lugar, território e região, além dos diferentes usos do vocábulo geografia. De outro, compreender as marcas implícitas ou explícitas das várias maneiras com que realiza uma abordagem afim com intencionalidades, métodos e concepções da Geografia. Mesmo de maneira preliminar, acreditamos que os dois caminhos permitem sustentar a afirmação de uma Geografia presente na obra de Paulo Freire (PITANO e NOAL, 2017, p.84).

Para a análise dos conceitos realizados pelos autores acima, foram consideradas as seguintes obras, totalizando dezesseis: Ação cultural para a liberdade, A importância

do ato de ler, Cartas a Cristina, Cartas a Guiné-Bissau, Conscientização, Educação e mudança, Extensão ou comunicação, Medo e ousadia, Pedagogia da autonomia, Pedagogia da esperança, Pedagogia da indignação, Pedagogia: diálogo e conflito, Pedagogia do oprimido, Política e educação, Por uma Pedagogia da pergunta e Professora sim, tia não. Pitano e Noal (2017) apresentam um quadro onde sintetizam os resultados obtidos.

De acordo com Pitano e Noal (2017) embora a utilização dos termos normalmente não esteja diretamente associada ao significado conceitual da ciência geográfica, de acordo com o quadro demonstrativo as obras Cartas a Cristina, Pedagogia da Esperança e Cartas a Guiné-Bissau, respectivamente, seriam as mais “geográficas” de Freire.

Como exemplo de uso não relacionado ao conceito geográfico, lugar, várias vezes aparece como sinônimo de “em vez de” (em lugar de). A palavra “Geografia” aparece às vezes como campo do saber científico e disciplina na escola; descrição física dos contextos vividos, e, mais enfaticamente, na narrativa em que relaciona a experiência da fome com o ensino de uma Geografia enfadonha na escola (PITANO e NOAL, 2017, p.85).

A geografia para Freire se materializa pela memória dos contextos vividos relatados em seus textos.

Lembrava-me do tempo que gastava dizendo e redizendo, olhos fechados, caderno nas mãos: Inglaterra, capital Londres, França, capital Paris. ‘Repete, repete que tu aprendes’, era a sugestão mais ou menos generalizada no meu tempo de menino. Como aprender, porém, se a única geografia possível era a geografia de minha fome? A geografia dos quintais alheios, das fruteiras - mangueiras, jaqueiras, cajueiros, pitangueiras -, geografia que Temístocles - meu irmão imediatamente mais velho do que eu - e eu sabíamos, aquela sim, de cor, palmo a palmo (FREIRE, 2003, p.42).

Essa poderosa Geografia se materializa como dimensões de possibilidade que se fazem a partir da conjuntura espaço-temporal.

O homem e a mulher fazem a história a partir de uma dada circunstância concreta, de uma estrutura que já existe quando a gente chega ao mundo. Mas esse tempo e esse espaço têm que ser um tempo-espaço de possibilidade, e não um tempo-espaço que nos determina mecanicamente (FREIRE, 2006, p.90).

Esse tempo-espaço se enraíza nas teorias humanistas de Paulo Freire e quando aplicadas ao ensino de conhecimentos geográficos contribuem para um processo de ensino-aprendizagem que:

[...] leve os alunos a compreender em melhor a si mesmo e o mundo em que vivem, não menosprezando os aspectos cognitivos, afetivos, físicos, éticos,

estéticos que possam interferir no exercício da cidadania e de uma atuação e inserção social mais consciente e humanista. Em termos mais específicos, essas teorias permitem levar os discentes a se reconhecerem como sujeitos atuantes no espaço por meio do lugar, compreendendo as aparências, ausências e múltiplas manifestações dos fenômenos geográficos (SUESS e LEITE, 2017, p. 103).

Sem dúvida uma geografia que permiti a análise geográfica na leitura de mundo, esse é o desafio colocado aos que ensinam e aos que pesquisam a Ciência Geográfica.

Uma Geografia articulada aos interesses da maioria da população, aos interesses concretos do povo, será uma Geografia compromissada que denominaremos “Geografia Contextualizada”. O contexto será a mediação entre a Geografia Universitária e a Geografia Escolar, uma relação entre teoria e prática, entre os conhecimentos de base empírica, de senso comum e os saberes alicerçados em bases científicas.

Paulo Freire abre a trilha em direção à libertação, através da “palavra mundo”, da palavra carregada de sentido social, do gosto pelo mundo, das experiências de vida, do conhecimento popular, da realidade, da cultura dos envolvidos no processo educativo. Os espaços dos quais serão retiradas as “palavras mundo”, serão os espaços mais próximos e que constituem as categorias básicas da Geografia: a paisagem, o território e o lugar (VALE e MAGNONI, 2012, p.105).

O ensino de geografia deve explicar o mundo no que ele é. Isso faz da linguagem da geografia uma linguagem por excelência colada justamente a esse dado real do mundo. A aproximação das ideias freirianas com ou o pensamento de Milton Santos, potencializa ainda mais a Geografia e o ensino de geografia na escola básica, a seguir exploraremos o diálogo entre os autores.

Tecer um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos é um grande desafio, Berino e Silva (2010) intitula “cruzar uma fronteira”. Em de fato concordamos com os autores, este diálogo é sim cruzar uma fronteira. Paulo Freire e Milton Santos tocaram-se em uma estimulante zona de ideias, de pensamentos e proposições. Todavia a lembrança dos dois autores juntos não é inédita, podemos ver que é o caminho efetivado por inúmeros pesquisadores, seja os da área de geografia como os da área da educação, mas mesmo com essas leituras as possibilidades são infinitas.

Vamos a seguir explorar as vivências biográficas comuns de Milton Santos e Paulo Freire, ainda que suas vidas não estivessem relacionadas diretamente². Paulo Freire nasceu em Pernambuco, na cidade de Recife, em 1921. Milton Santos nasceu na cidade

² Ao longo desta pesquisa não foi possível localizar nenhuma citação realizada por eles a respeito da vida ou obra do outro.

de Macaúbas, Bahia, em 1926. Portanto, os dois nasceram na mesma região do país (nordeste) e pertenceram a uma mesma geração de intelectuais. A escolarização foi uma vivência particularmente marcante para ambos. Conheceram a situação do exílio após o golpe militar de 1964 e, em decorrência, atuaram em vários continentes. No retorno ao país se fixaram profissionalmente em universidades de São Paulo. Paulo Freire faleceu em 1997 e Milton Santos em 2001. Ambos, deixaram uma obra vasta e importante para a cultura brasileira. São também conhecidos em vários países e publicados em várias línguas. Estão entre os intelectuais brasileiros mais conhecidos no mundo e utilizados como referências para pensar os desafios da contemporaneidade e do próprio futuro do Brasil e do mundo.

Segundo Pitano de Noal (2017), leituras introdutórias revelam a presença de conceitos e mesmo de uma concepção metodológica ao referir-se diretamente o ensino de geografia. Após uma análise mais aguçada, pensamos que é possível demonstrar a Geografia que permeia os escritos freirianos. Em termos de postura teórica e metodológica, há um nítido encontro entre a pedagogia de Freire, chamada Educação Problematizadora, e a Geografia Crítica, de base marxista, da qual Milton Santos é um dos principais expoentes.

O Geógrafo Milton Santos é considerado um dos mais eminentes estudiosos da geografia brasileira. Introduziu o pensamento geográfico no centro do pensamento social do país, deu visibilidade à geografia brasileira e aos geógrafos latinos. Teve que se exilar em 1964, em função da situação do país e sua ligação com as atividades políticas junto à esquerda, iniciando uma carreira internacional, que culminou com trabalhos na França, Canadá, Estados Unidos, Venezuela e Tanzânia, retornando ao Brasil somente em 1977. É autor de inúmeros livros e artigos, publicados no Brasil e no exterior. Em suas pesquisas está efetivamente preocupado em compreender e analisar as transformações socioespaciais com rigor investigativo. Escreveu obras dotadas de complexidades, uma verdadeira teoria geográfica do espaço, que apresenta diferentes fases e faces e requer ainda muita reflexão. (NASCIMENTO e ALBUQUERQUE, 2017, p.68-69)

O legado de Paulo Freire em ideias e obras está sempre nas discussões mais atuais no campo da educação tanto no Brasil com no exterior. Suas primeiras experiências aconteceram no Rio Grande do Norte, em 1963, quando ensinou 300 adultos a ler e a escrever em 45 dias. Seu projeto educacional estava vinculado ao nacionalismo desenvolvimentista do governo João Goulart, mas sua carreira no Brasil foi interrompida pelo golpe militar de 31 de março de 1964.

Em 1980, depois de 16 anos de exílio, retornou ao Brasil, onde escreveu dois livros tidos como fundamentais em sua vida acadêmica: “Pedagogia da Esperança” (1992) e “À Sombra desta Mangueira” (1995). Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Em 1989 foi secretário de Educação no Município de São Paulo no governo Luíza Erundina. Após sua passagem pelo poder executivo, continuou a se dedicar, discutir e escrever sobre Educação Formal, o que o levou, em 1996, a publicar seu último livro, “Pedagogia da Autonomia”.

Não há uma lógica excludente em transformar o mundo, objeto de análise do geógrafo Milton Santos, e transformar o indivíduo, objetivo do pedagogo Paulo Freire. Uma é pré-condição para a outra. A mudança global, seja em qual instância for, é na verdade, fruto de uma alteração significativa no comportamento individual do ser humano. Por outro lado, a mudança na escala do ser humano só pode ser assim encarada se for capaz de produzir mudanças significativas, mudanças materializáveis (NASCIMENTO e ALBUQUERQUE, 2017, p.79).

POR UMA PEDAGOGIA ESPACIAL

A construção da Pedagogia espacial pode se ancorar nos trabalhos que se utilizam e/ou propõem diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos a partir de conceitos-chaves, totalizando 16 trabalhos dentre os 33 selecionados, sendo cerca de 50% do material analisado. Martinez (2012) e Cruz (2012, 2014) denominam essa relação de pedagogia do espaço.

Os trabalhos tecem profundos e ricos diálogos entre os dois autores, com diferentes perspectivas, porém destacamos a tese de doutorado da geógrafa Claudete Robalos da Cruz denominada *Paulo Freire e Milton Santos: Fundamentos para uma Pedagogia do Espaço*, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) em 2014. Neste trabalho a autora trilha um rico e poderoso caminho rumo a um ensino de geografia crítico fundamentado no diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos.

Algumas das ideias de Cruz (2014) são: Os movimentos de pesquisa empreendidos neste estudo - *observação, reflexão, interpretação e sistematização*- dialeticamente relacionados configuram a presente tese como uma construção pessoal e acadêmica ancorada sobre a realidade e os pressupostos científicos. Situando-a como uma

pesquisa qualitativa quanto ao objeto de estudo (elementos teóricos e metodológicos viabilizadores de uma pedagogia do espaço) estando inserida no campo das ciências humanas; e bibliográfica quanto aos procedimentos técnicos (análise de fontes bibliográficas: livros, revistas, publicações). (CRUZ, 2014, p.75).

O caminho trilhado por Cruz (2014) pode ser visto no esboço do percurso metodológico rumo a sistematização da Pedagogia do Espaço, termo utilizado também por Martinez (2012), porém optamos por denominar de Pedagogia Espacial por ser mais amplo e não ser associado de forma imediata a um local físico. Destacamos aqui, que uso dessa metodologia é muito importante no ensino de geografia na escola básica, um caminho que atrela diretamente as ideias de Paulo Freire com as de Milton Santos. Em seguida, apresentamos a espacialidade enquanto realidade objetiva, instância social e fator de evolução da sociedade na teoria espacial miltoniana. Por fim, apresentamos os pressupostos da pedagogia espacial, situando a espacialidade enquanto matriz pedagógica, a partir de uma síntese dos fundamentos das teorias em questão.

Algumas obras se destacam na construção da espacialidade com dimensão formativa na teoria pedagógica freiriana entre elas se destacam: “Pedagogia do Oprimido” (1987); “Pedagogia da Autonomia” (2010); “Pedagogia da Esperança” (2001); “A sombra desta Mangueira” (1995); Cartas a Guiné-Bissau” (1978) e “Educação na Cidade” (1991) que se constatou a presença e a relevância da dimensão espacial na teoria pedagógica freiriana.

Para Cruz (2014, p.80), o entorno imediato constituiu a identidade de Paulo Freire enquanto cidadão brasileiro. As lembranças do lugar serviram como referência espacial que basilaram suas andanças pelo mundo. A partir do vínculo com o que é próximo, que foi possível expandir essa noção para territórios distantes.

Freire nos apresenta sua pedagogia como uma proposta de educação aos explorados, aos esfarrapados do mundo, pois, tem como missão ampliar os conhecimentos destes e oportunizar um ambiente de convivência em que estes pudessem se expressar, dizer a sua palavra. Dizer a palavra significa:

[...] o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias. É exatamente por isto que, numa sociedade de classes, seja fundamental à classe dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas se acham semimudas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidas de ser (FREIRE,1978, p.49).

Do mesmo modo, a educação dominante, proíbe os estudantes de ser, de dizer a sua palavra, os trata como objetos, coisas, através de seus métodos e objetivos. O dizer a palavra implica também a dizer seu mundo.

A teoria pedagógica freiriana dentre outros objetivos centraliza na necessidade da formação do sujeito crítico, atuante e ativo no contexto social em que está inserido. Caracterizando a dimensão espacial.

Neste aspecto, considera-se também que o espaço geográfico se apresenta como importante elemento no processo de formação do homem-sujeito. Diante disso, configura-se como uma das tarefas do sujeito historicamente situado a busca pelo entendimento do seu contexto social, histórico, cultural e espacial, a partir do lugar onde está inserido. Isso requer, além de apreensão da leitura da palavra, uma leitura crítica da realidade e do mundo. (CRUZ, 2014, p.88)

O geógrafo Milton Santos (1996) nos oferece elementos analíticos para compreender a espacialidade por meio da análise das suas formas, estrutura, processos e funções. Esses elementos analíticos possibilitam a efetivação de uma educação libertadora.

Para Cruz (2014) esses elementos, homens, instituições, firmas, meio ecológico e infraestrutura em processo de interação, irão produzir no espaço funções específicas formas distintas e estruturas próprias. Para Santos, o estudo das interações desses elementos é fundamental, para recuperar a totalidade social, e chegar-se à realidade concreta.

De acordo com Cruz (2014, p.98):

A dimensão espacial é elemento significativo no processo de aprendizagem enquanto ato de conhecimento da realidade concreta. Uma vez que, a não problematização das formas espaciais, e a conseqüente exclusão da experiência espacial do aluno irá configurar-se numa questão política.

O estudo das interações entre os elementos que constituem a espacialidade num determinado lugar, permite compreendermos a atuação da totalidade social. Essa totalidade espacial deve considerar também a temporalidade, porque em cada época, as variáveis são portadores de novas tecnologias e de novos sentidos.

Cruz (2012, 2014), nos permite a partir da síntese das teorias dos dois autores elencar alguns conceitos fundamentais que permeiam as relações pedagógicas no cotidiano escolar, que se configuram em pressupostos imprescindíveis para a constituição

de situações de aprendizagens crítica e emancipadoras e essenciais para situar o espaço geográfico e suas espacialidades enquanto “espacialidades que educam”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedagogia espacial constituiu-se uma proposta teórico-metodológica objetivando reconhecer o espaço geográfico como importante matriz formadora. Viabiliza as condições teóricas no contexto da práxis educativa, onde é possível o educador reconhecer as espacialidades dos sujeitos de aprendizagem. E, assim, constituindo as condições educativas para se efetivar uma pedagogia espacial, como conhecimento da realidade espacial concreta. Dessa maneira a pedagogia espacial institui-se como relevante construção teórica e metodológica para efetivação da aprendizagem como ato de conhecimento da realidade concreta, configurando-se numa importante contribuição da ciência geográfica à educação.

O debate, reflexão e uso das ideias freirianas na educação e em especial no ensino de geografia devem ser reinventadas constantemente, reforçando o potencial dessas ideias principalmente em momentos em que as políticas educacionais trabalham mais a favor dos opressores e menos a favor dos oprimidos, neste momento sem dúvida nossa resistência se efetiva por meio de um Educação Libertadora.

Resta-nos enquanto pesquisadores comprometidos com o ensino de geografia e com a educação crítica brasileira tecer propostas para trilhar. O grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia (GEPEG) procura ampliar a agenda voltada para estudos críticos no contexto educacional e no ensino de geografia incluindo a leitura e o estudo dos textos de Paulo Freire e outros educadores e geógrafos críticos. Assim como a Linha 2 *Território, Ambiente e Ensino de Geografia* no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO) e a Linha 1 *Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas* do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc), tanto o grupo de estudos como os programas de pós-graduação atrelados a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), procuram ampliar e fomentar a oferta de disciplinas e atividades sobre o ensino de geografia pela perspectiva crítica, reflexiva e analítica; bem como orientando pesquisas no nível de mestrado.

Como educadores e professores de geografia devemos reinventar as ideias freirianas e manter sempre o diálogo aberto e potente com a educação geográfica, além

do diálogo com a educação de jovens e adultos, a educação do campo e a educação ambiental. Esse é o desafio rumo a construção e efetivação da pedagogia espacial em nossas escolas, especialmente em tempos opressores como os que vivemos no Brasil, na América Latina e na África. Devemos aprender com Paulo Freire e esperar por tempos melhores, mas esses só virão, com a prática transformadora.

REFERÊNCIAS

- BERINO, A; SILVA, M. Paulo Freire e Milton Santos: aproximações, seduções. In CAMPOS, M. L.; SOUZA, L. C. F. (Org.). **Oficinas de ensino: III Semana Paulo Freire da UFRRJ**. Seropédica: EDUR, 2010. p. 119-127.
- CRUZ, C. R. **Paulo Freire e Milton Santos: Fundamentos para uma Pedagogia do Espaço**. 2014. 174 pg. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- CRUZ, C. R; GHIGGI, G. Apontamentos acerca do significado de cidadania e da formação do cidadão na perspectiva de Paulo Freire e Milton Santos. **Revista Dialectus**, v. 1, p. 188-203, 2013.
- DICKMANN, I.; DICKMANN, I. **Ciclos do Pensamento de Paulo Freire**. In Semana Paulo Freire, Veranópolis/RS, 2017.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GHIGGI, G.; PITANO, S. C.; NOAL, R. E. Paulo Freire, Rousseau e a Geografia: reflexões sobre a Educação Ambiental. **Anais**. 7º Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, 2005, p. 01-10.
- MARTINEZ, C. A. F. Por uma Pedagogia do Espaço. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 39, p.75-84, jul. 2012.
- NASCIMENTO, J. C. D.; ALBUQUERQUE, E. A. A. Educação para transformar as pessoas do mundo, Geografia para mudar o mundo das pessoas: aproximações teóricas entre Paulo Freire e Milton Santos. **Revista Geosaberes**, v. 1, n.15, p. 67-80, 2017
- PITANO, S. C.; NOAL, E. N. Paulo Freire e a Geografia: diálogos com Milton Santos. **Geografia: Ensino & Pesquisa**. v.21, n.1.p.78-86, Jan./Abr.2017.

PITANO, S. C.; NOAL, R. E. Horizontes de diálogo em educação ambiental: contribuições de Milton Santos, Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire. **Educ. Rev.** [online]. Belo Horizonte, v. 25, n. 03, p. 283-298, dez. 2009.

PORTO, M. R. S.; FORTUNATO, I. **Educar com Freire: uma prática utópica**. Revista USP, n. 135, p. 211-214, 2022. Tradução. Acesso em: 05 dez. 2023.

QUEIROZ, A. P. T.; SILVA, W. S. O ensino de geografia na perspectiva freireana: um diálogo possível? **Anais**. IV Congresso Nacional de Educação, 2017, p.1-10.

SANTOS, C. **(Geo)grafias do lugar: educação geográfica na escola básica**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2024.

SANTOS, C.; QUEIROZ, E. D.; CARDOSO, C. (Orgs.). **Educação Geográfica e Processos Formativos**. Nova Iguaçu: Agbook-PPGGEO/UFRRJ, p. 7-12, 2023.

SANTOS, C. Processos formativos docentes no Brasil: avanços e desafios. SANTOS, C.; QUEIROZ, E. D.; CARDOSO, C. (Orgs.). **Educação Geográfica e Processos Formativos**. Nova Iguaçu: Agbook-PPGGEO/UFRRJ, p. 7-12, 2023.

SANTOS, C. Contribuições e diálogos das ideias freirianas no ensino de geografia: por uma pedagogia espacial. DICKMANN I. (Org.). **Paulo Freire Vive**. 1. ed. Veranópolis, Diálogo Freiriano, 2021, p.47-70.

SANTOS, C. Prática e vivência na didática freiriana no ensino superior de geografia. 1. ed. DICKMANN I, e DICKMANN I. (Org.). **Pedagogia da Partilha: relatos de educadores e educadoras sobre suas experiências com a didática freiriana**. São Paulo, Editora Dialogar, 2018, p.47-56.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 1. ed. São Paulo, Hucitec, 1996.

SUESS, R. C.; LEITE, C. M. C. Paulo Freire e humanismo em educação: contribuições a partir de uma perspectiva geográfica. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 8, n. 16, p. 94-105, set. 2017.

VALE, J. M. F.; MAGNONI, M. G. M. Ensino de Geografia, desafios e sugestões para a prática educativa escolar. **Ciências Geográficas**, vol. XVI (1), jan./dez. 2012, p.102-110.